

ZONA LIVRE

DEZ 2020/JAN/FEV 2021 - Nº 69

CLUBE SAFO
em história e
continuidade

Cultura
BUTCH/FEMME
revisitada

História de
UMAS MAMAS

**O SAIR DO
ARMÁRIO**
das mulheres
Angolanas

OPINIÃO:

O país de brandos
costumes

25

Extrema-direita:
O surgimento da
metástase cancerosa

27

Categorizando
fascistas

29



Esta revista é uma edição do Clube Safo,
Associação de Apoio e Defesa
dos Direitos das Lésbicas

3	EDITORIAL
4	CORPO E MENTE Namorar em 2020, se o Covid permitir
5	ALIMENTAÇÃO Clericot com espumante
13	SAÚDE Maior e mais pequena, e as duas convivem em nós. História de umas Mamas.
10	PONTO NEGRITUDE O sair do armário das mulheres angolanas
12	ESPAÇO TRANS Testemunho de Ângela Sampaio
13	ESPAÇO QUEER Queer As Fuck HERstory
15	INVISIBILIDADE LÉSBICA 15 Clube Safo em História e em Continuidade 18 Cultura butch/femme revisitada - Butch e católica? - Ser butch e femme hoje em dia – entrevista - Arquivo de intenções femme

24	INSPIRAÇÃO Love is not Tourism
25	OPINIÃO 25 O País de Brandos Costumes 27 Extrema-direita: O ressurgimento da metástase cancerosa 29 Categorizando Fascistas
30	FILME Happiest Season e Ammonite
31	POESIA
33	LIVROS Rapariga, Mulher, Outra
35	EVENTOS
36	AGENDA
37	SER SÓCIA

EDITAL

O artigo publicado no passado número 68, dentro da rubrica do Espaço Queer, "Those are the kind of people that I like The kind of people who are kind Gender, genitals and labels aside.", foi escrito por Raquel Smith-Cave.

Queremos tornar a nossa Zona Livre cada vez mais participada e rica. Aguardamos as vossas colaborações: textos, poemas, desenhos, testemunhos, histórias, notícias etc.

A tua colaboração poderá ser sobre qualquer outro assunto que te interesse. Qualquer pessoa pode participar, basta enviar os materiais para: geralclubesafo@gmail.com

NOTAS DE EDIÇÃO:

A Zona Livre é uma colaboração entre diversas falantes de português e por isso acolhe várias variantes da língua portuguesa, que optamos por não alterar de modo a promover a diversidade e a descolonização da língua. Pelo mesmo motivo, incluímos formas de escrever mais inclusivas do que o binarismo linguístico permite. Deixamos ainda ao critério de cada autora qual o acordo ortográfico a seguir.

Todos os textos publicados refletem a opinião, vivências e experiências das autoras e não trazem necessariamente a posição do Clube Safo. A publicação de fotografias ou a referência a pessoas não deve ser assumida como indicadora da sua orientação sexual.

FICHA TÉCNICA:

Edição

Jessica Lima

Design e diagramação

Luciana Choeri

Colaboradoras

Alexa Santos, Anabela Rocha, Andreia Rodrigues, Ângela Sampaio, Bárbara Góis, Carolina Moutela, Catarina A. S. Gomes, Fátima Gomes, Jessica Lima, Joana Matias, Líria de Castro, Nádia Saco, Paula Cardoso, Patrícia Costa, Raquel Smith-Cave, Rita Machado dos Santos, Roquiana Gunza, Sandra Cunha, Simone Cavalcante

CONTACTOS

www.clubesafo.pt
geral@clubesafo.pt



clubesafo



clube_safo

Sempre que me sento para escrever lembro-me da nossa pequenez, de como continuamos mesmo em momentos tão incertos sabendo tão pouco do que há pra vir.

Aprendi ao longo destes últimos meses que enquanto pessoas neste mundo, ocupando-o por uma fração de tempo irrisória se tivermos em conta a idade que o mundo tem, o importante é observar. Quando construímos um jardim, ele diz-nos o que precisa simplesmente por crescer da forma como cresce, reagindo ao tempo, respondendo ao sol que fez, há chuva que caiu, à água que bebeu. **O importante é observar para poder saber o que fazer a seguir para que o jardim continue a dar frutos.**

Faz este mês de Dezembro de 2020 um ano da primeira atividade para reavivar o Clube Safo. Foi em Lisboa, na Valsa, um local híbrido que acolhe várias atividades culturais incluindo atividades queer sendo principalmente um local de acolhimento e seguro. Vimos o primeiro episódio da nova temporada de The L Word - A new generation que tinha acabado de sair e naquele espaço deu-se um encontro entre cerca de 20 pessoas que falaram também do que é ser lésbica, da importância das categorias ao mesmo tempo que as tentamos desconstruir e resignificar.

O tempo continuou a fazer das suas e um ano depois continuamos com as várias atividades mas agora sempre em sobressalto pois não sabemos o que vem aí. Queremos acima de tudo proteger quem representamos e apoiar a quem mais precisa e por isso recorremos ao que nos ensina a natureza. **Observamos. Mudamos, tentamos recriar e fazer diferente para poder continuar, preservar e reavivar este nosso Clube Safo.**

Nesta edição da Zona Livre vais encontrar artigos sobre as nossas preocupações com o crescer da direita em Portugal, as nossas lutas contra o Cancro da Mama depois de um mês de Outubro Rosa dedicado a este tema e uma discussão com vários olhares sobre as expressões de género Butch/Femme.

Mas não só, neste exercício de observação e construção constante esperamos poder continuar a contar contigo.

Alexa Santos



Foto: lisboetaitaliano

Namorar em 2020, se o Covid permitir

Por Jessica Lima

Outra vez Covid. Cada vez que tento expressar o meu desconforto atual dos tempos que correm, travo-me. Censuro-me quando penso: “outra vez Covid, só se fala nisto agora, já ninguém pode ouvir mais.” Pois bem, mas é o que temos para dar. Precisamos de encarar que esta realidade, que a cada dia se vai vincando e instalando como mais normal, veio para ficar e precisamos saber conviver com ela.

Ainda hoje, batendo as 12h50, veio um segurança do parque nos mandar para casa. De repente me apercebi do quão inóspito é haver hora de recolher e alguém me mandar para casa. No sentimento em que nunca pensei que, no curso da minha vida, fosse passar por isso em Portugal. Pensei em como daqui a muitos anos, talvez, as crianças nos perguntem: “Como é que foi passar por isso? como era naqueles tempos?” e nós respondamos num encolher de ombros: “Era assim, naquela altura, olha... nem pensávamos nisso” e elas olhem para nós muito curiosas e nós muito impávidas, como se nos tivéssemos esquecido que o novo normal um dia não era ainda normal. Isto do recolher ainda é muito recente. Mas há também outra questão que me assaltou desde o início da pandemia e que se vai realçando em mim, à medida que vai sendo menos recente: como vai ser namorar, flirter, conhecer pessoas, precisamente *durante* “disto tudo”?

No início parecia temporário. Aproveitei e até me juntei à onda de auto-cuidado instigada pela “oportunidade na desgraça” (e, confesso, meio contrariada) também inspirada por algumas influencers no *Instagram*. Mas depois chegou Junho, um certo

desconfinamento, novas amizades, novos encontros. Parecia haver uma modesta esperança de conhecer gente nova. Mas já vamos em Dezembro e, pessoalmente, “isto tudo” me parece infinito.

Reconheço o privilégio que é poder preocupar-me com a minha vida amorosa durante uma pandemia mundial, mas esse reconhecimento não termina a necessidade afetiva, romântica que vou reconhecendo e com a qual sabia conviver quando pensava que seria temporário.

Não só hoje não me parece temporário, como não alcanço o fim à vista. E essa incerteza é que traz todo o rebuliço interior. A única forma que parecemos ter, hoje em dia, de conhecer alguém: as *dating apps*/aplicações de encontros.

E o pior... é que para nós lésbicas já assim era. Só que até aqui dava para resistir a isso, ou pelo menos dava para ir dando uns *matches* enquanto íamos a uma festa ou a um evento LGBTQ+ com as nossas amigas. Se para as lésbicas e outras pessoas LGBTQ+ as *apps* já eram essenciais, pois agora são mais do que isso. Se antes era engraçado, descomprometido até, agora parece obrigatório. E hoje tudo é tão obrigatório, já. Bem sei, temos escolha. Mas qual é a escolha perante a alternativa!?

Do pouco tempo livre que nos resta, confinadas, se quisermos conhecer pessoas, terá de ser online, onde já passamos a maior parte do nosso dia a trabalhar. É extenuante. Estou exausta. O que vale é que as reuniões por Zoom vão sendo mais escassas.

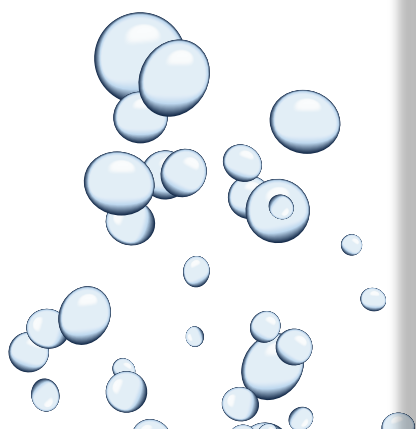
No entanto, sempre uma otimista incurável, rapidamente vejo as vantagens: mais gente no *Tinder*, mais gente a passar pelo mesmo, logo realmente mais potenciais matches. Pelo menos, *potencialmente*. (A questão também é essa, o nosso futuro em tempos de Covid também é todo ele “potencial”. Tudo é potencial).

Não sei o que vou responder daqui a muitos anos, quando me perguntarem como era namorar nesta altura. Não namorávamos? Aperfeiçoámos a arte do áudio por *Whatsapp*? Aprimorámos altas técnicas de *flirt* por escrito? Aprendemos a conjugar melhor os *emojis*? O que vale é que as crianças não perguntam sobre isto.



Clericot com Espumante

Um drink de fim de tarde? Só mesmo se for um drink para celebrar o fim de 2020 e a entrada em 2021, que pede alguma ajuda no ânimo.



Precisamos de:

- 1 garrafa de espumante seco gelado
- 2 xícaras de frutas picadas
- 2 cálices de licor de laranja
- Gelo picado
- Açúcar a gosto ;)

Instruções:

Utilize uma jarra e despeje sobre as frutas o licor, deixando elas marinar por alguns minutos. Adicione o espumante bem gelado e coloque o gelo. Adoce se achar necessário. Sirva a jarra com uma colher ou palitos para que as pessoas possam servir-se das frutas nas taças também.

Tchin tchin!

Fonte: <https://www.receitas-sem-fronteiras.com/receita-69296-clericot-com-espumante.htm>

Maior e mais pequena, e as duas convivem em nós. História de umas Mamas.

Por Nádia Sacoer

O espelho, aquele espelho amigo-inimigo. Se por acaso já te olhaste ao espelho, na adolescência ou mais tarde na vida, é provável que já te tenha surgido esta questão. Provavelmente já passaste pela confusão entre gostar ou não desta cena que existe num corpo de mulher, o teu, e que algures nos teus *teens* deu origem a dilemas sobre o que fazer delas... a t-shirt que esconde, soutien sim – soutien não, *statements* relativos ao feminismo, gosto – não gosto. Muitas pessoas ficaram alguma vez na vida a admirar aquelas estátuas renascentistas, onde o mármore branco parece refletir como sol de verão na água do mar os nossos milhares de pensamentos avulsos sobre mamas.

Eu nunca tinha lidado bem com as “proeminências” do meu corpo de adolescente, exílio e ao mesmo tempo sobrecarregado, e passei a época dos 20s a escondê-las sempre que podia. Algures mais tarde, umas 2 décadas após ter entendido que aqueles seios não se iam embora, inteirei-me que elas também eram tão “diversas” como eu, cada uma com a sua especificidade e o seu *mood* diário, hormonal, de múltiplas personalidades. Tudo muito além do binário “gosto-não gosto”, pois mesmo que não as quisesse lá estavam para a vida. Comecei a simpatizar, até “vesti-las” com orgulho, aprendendo a amá-las tal como elas eram. Fazem parte de mim, sou mulher. E sou a mulher que sou.

Fast forward to my late 30s. Tinham sido alguns meses aser o corpo a chamar, um cansaço estranho, emagrecer um bom bocado... e formas a mudar. *Denial-denial-denial (negação-negação-negação).* Mais desconforto, mais dor. Até começa a gritar. Toco, sinto; não quero. Viro-me do outro lado. Mas o corpo é meu e não vai embora. Nadia, marca uma consulta; “vamos marcar uma mamografia e uma eco”. “Vou trabalhar e vou lá num instante, é só fazer os exames e voltar ao trabalho”. “Isto não é bom, temos que ver melhor, e é já”, diz o médico. “*Tem historial de doenças autoimunes na família? E Cancro da mama?* Temos que ir por eliminação”. Quatro horas depois sentia a cabeça em modo centrifugação, não sabia bem o que desejar, como iria ser, o que iria acontecer a seguir, além de ter um papel do médico na mão com uma longa enumeração de exames cujos nomes não significam nada e significavam tudo.

O que sei é que nos 2 meses seguintes foram exames e mais exames e mais cenas que nunca tinha feito na vida, e que fui fazer sozinha. E que fiz **sem dizer nada a ninguém**, tratando-as como tarefas que “encaixava” no meu dia de trabalho, nos meus afazeres do costume, fingindo que fizesse parte da normalidade... até resolver pedir à



Ainda não és sócia?
Salta para a página
37 para saber como
te podes tornar sócia
do Clube!

pessoa que sabia ser a mais discreta e delicada que conheço: a minha irmã. **“Consegues deixar o trabalho durante alguns dias? Vou ter que fazer uma cirurgia, é já na próxima 4ª feira, e pedem-me para eu especificar que terei assistência para sair do hospital e nos dias a seguir. É só mesmo uns dias, e não quero dizer aos pais...”**.

A verdade é que sou uma pessoa muito discreta, que nunca tinha pedido ajuda a ninguém na minha vida de adulta, e nem sabia como é que isto se fazia. Pensava que fosse incómodo. Pensava que... não queria pensar. A verdade, na realidade, é que não queria enfrentar o que aquela informação queria, potencialmente, dizer, e ter que dizê-lo em voz alta iria implicar ouvir e lidar com as reações das pessoas à minha volta, iria implicar explicar, até a mim

própria, coisas que já eram complicadas o suficiente de digerir e não fazia a menor ideia do que iria desenrolar-se no meu caminho pela frente.

A história loooonga poderia continuar, passando por muitos pormenores, fases complexas para mim. Poderia passar pela impotência de uma *workaholic* (*viciada no trabalho*) que fica parada uns meses que pareceram anos, pelo tempo que ganha outros significados e ritmos, por como se sobrevive sem poder levantar uma panela quando a cozinha é a tua terapia desde sempre, pelo exercício de humildade de aceitar ajuda generosa e sem julgamento da ex-namorada, ou pela saga (pouco) cómica de como escolher um soutien quando as lojas vendem só “tamanhos standard”. **E eu não sou standard, nunca fui, nunca serei.**



Crédito fotográfico: Cristina Bernardo

O que importa para mim é que teria que reaperceber tudo sobre mim (e não estava à espera), sobre ser mulher com mamas diversas, sobre relacionamentos que tomariam outros moldes e significâncias, sobre o facto que nenhuma de nós é uma heroína, mas que no nosso dia-a-dia o podemos ser todas. Mas não é esta a história, pois a minha narrativa, as minhas emoções, entaves e conquistas sobre estas mamas, sobre o sentido de doença e de conquistas (como aquelas individuais e importantes de qualquer uma de nós!) daria um livro inteiro.

O que importa aqui, a moral desta história, é o despertar: despertar a atenção de **cada uma de nós**. Pois **"Patologia da mama" não é algo externo a nós, não é assunto para outras pessoas tratarem e preocuparem-se. Deve ser preocupação de cada uma de nós**. Uma em oito mulheres, aqui neste país chamado atualmente de Portugal, têm probabilidade de serem afetadas por cancro da mama; e isso quer dizer que todas nós podemos ter nos nossos círculos alguém que possa precisar de apoio, de reforço, do conhecimento e sensibilidade de outra mulher para lidar com o assunto. Quem de nós não conhece oito mulheres??? E quem de nós tem a garantia de estar "isento" de doença?? Ninguém!! Quantas de nós tocam-se – sim, tocam-se! – regularmente numa forma que procura assegurar um auto-diagnóstico?

Todas nós que temos o privilégio de saber ler, acedemos à informação: cancro da mama impacta uma média de 2.1 milhões de mulheres no mundo todos os anos, sendo que 6,000 novos casos por ano são identificados em Portugal. Também sabemos ler que o diagnóstico precoce é vital, aumentando exponencialmente as probabilidades de bom diagnóstico e possibilidades de tratamento.

Então, como é que isto se traduz na prática diária de cada uma de nós?

Como pessoas diretamente afetadas (ativa ou passivamente, conforme o grau de pensamento, exposição, empenho) em direitos das mulheres lésbicas, estamos por desvio natural engajadas também com, no mínimo, algum pensamento e potencial influência em direitos das mulheres. E não incluem estes o nosso próprio dever e poder, em fazermos algo na primeira pessoa?

Quando se trata de cuidados primários, já sabemos que ninguém cuida de nós se não formos nós próprias a fazê-lo em primeiro lugar. A história já nos conta isso há séculos, mas qualquer uma de nós que esteja aqui, a ler estas linhas também deve ter passado por momentos de ter que arregaçar as mangas e fazer-se à vida. Portanto, se não o estão já a fazer regularmente, façam o favor de se tocarem. Pois o auto-diagnóstico é o 1º passo para a prevenção, para facilitar a deteção, e para encorajar outras mulheres mais e menos jovens, a conscientizarem-se, a fazê-lo regularmente, a cuidarem-se. Usem aquele espelho por favor, para vós próprias e para as outras todas.



ORGANIZAÇÕES EM PORTUGAL- MAIS INFORMAÇÕES E APOIOS:

<https://apamcm.org/>

<https://www.ligacontracancro.pt/servicos/detalhe/url/programa-de-rastreio-de-cancro-da-mama/>

<https://www.ligacontracancro.pt/servicos/detalhe/url/programa-de-rastreio-de-cancro-da-mama-resposta-as-suas-perguntas/>

<https://www.fchampalimaud.org/centroclinicofc/unidades/mama>

<https://www.medicosdomundo.pt/noticia/cancro-da-mama-6-mil-novos-casos-por-ano-faca-o-diagnostico-precoce>

Como realizar um auto-exame (Fonte: Farmaciasportuguesas.pt):

Em frente a um espelho:

De pé, em frente ao espelho, comece por examinar o peito em três posições diferentes:

- Com os braços esticados, junto ao corpo;
- Com os braços levantados acima da cabeça;
- Com as mãos nas ancas.



Deitada, apoiada por uma almofada:

Deite-se e coloque uma almofada por baixo das costas, do lado direito. De seguida, coloque o braço direito atrás da cabeça e palpe a mama com suaves movimentos (em pequenos círculos), com a ponta dos dedos da mão esquerda (sem usar as unhas). Percorra toda a mama, desde a zona axilar até à linha do sutiã. Procure por nódulos ou outras alterações. Repita estes passos para a mama esquerda.



No duche:

Apalpe o peito com movimentos circulares, de fora para o centro, verificando toda a área da mama e zona axilar. Examine ambos os seios.

Procure por:

- Alterações de **tamanho**: se as suas mamas não forem iguais em tamanho ou forma, não se preocupe! Uma mama é normalmente maior que a outra. Contudo, fique alerta, pois as mudanças repentinas de tamanho não devem acontecer;
- Alterações na **pele da mama aréola ou mamilo**: com aspeto escamoso, vermelha, inchada ou com "covas na pele";
- Alterações nos **mamilos**: refração do mamilo (mamilo virado para dentro da mama) e aumento da sensibilidade...
- Aperte suavemente os mamilos e observe se é libertada alguma secreção;
- Alterações **na mama ou zona da axila**: nódulos ou outros espessamentos na mama.

Se verificar alguma destas alterações: não entre em pânico. Consulte o/a seu/sua médico/a para que este possa analisar o seu caso!

*by the way, as minhas mamas *continuam* a não ser standard. São tão lindas como qualquer outra, perfeitamente imperfeitas, vigiadas para que possa-se trabalhar com o destino, cuidadas, e, tal como eu, diversas para **nunca ser standard** :)



Fonte: medicosdomundo.pt

O SAIR DO ARMÁRIO DAS MULHERES LGBTQ+ ANGOLANAS

Por Líria de Castro e Roquiana Gunza

Por que Emergir como grupo de Mulheres LGBTQ+ em Angola?

“Emergimos para dar voz, visibilidade e defender os direitos de toda mulher negra LGBTQ+ angolana”

Líria de Castro

Ao nos apercebermos de que não existia um espaço de fala para mulheres LGBTQ+ Feministas negras em Angola, isso atendendo o contexto social, religioso, político e cultural, sentimos a necessidade de criar o primeiro movimento **Feminista LGBTQ+ Negro** que celebra todos os tipos de identidades e formas de ser das mulheres, fora dos padrões da heterossexualidade, do patriarcalismo, do sexíssimo e do machismo. Em primeiro lugar, foi o despertar da nossa consciência em reconhecermos o facto de que não tínhamos voz, visibilidade e tão pouco espaços seguros para afirmar as nossas convicções e expressar as nossas identidades como feministas negras lésbicas, bissexuais, trans, intersexo e queer. Em Segundo lugar, precisávamos de uma estrutura que garantisse a nossa vivência como mulheres LGBTQ+. Em Terceiro lugar, precisávamos sair do armário e ocupar o nosso lugar de fala, quer dentro dos movimentos feministas e do próprio movimento LGBTQ+. Em Quarto lugar, precisávamos pensar estrategicamente em

fazer uma advocacia perante aos órgãos estatais e sociedade civil.

O nosso questionamento passava sempre pela reflexão de qual era o tipo de mulher dentro do nosso contexto conservador que poderia expressar de forma pública a sexualidade, identidade de género e expressão de género sem ser discriminada, estigmatizada, penalizada e excluída do processo social e político.

Ao darmos a cara, evidenciamos que a existência de **orientação sexual e identidade de género diversa não é uma coisa do Ocidente** e que em África, particularmente em Angola, existem mulheres que não se reveem no papel social que lhes é designado a nascença, mas que precisam de visibilidade e inclusão dentro das estruturas sociais, como por exemplo: Educação, Saúde, Emprego, Proteção e Segurança, e Bem-estar.

Vozes que se exaltam em defesa das mulheres LGBTQ+ angolanas

O Arquivo de Identidade Angolano se propôs a criar espaços seguros de fala e de empoderamento de e para mulheres LGBTQ+ como manifesto contra o silêncio, violência, estigma e discriminação e todas as formas de opressão a que são submetidas. A compreensão da necessidade de criação desses espaços levou-nos a desenvolver vários projectos que capacitassem, empoderassem, informassem, e visibilizassem as mulheres feministas negras LGBTQ+ angolanas.

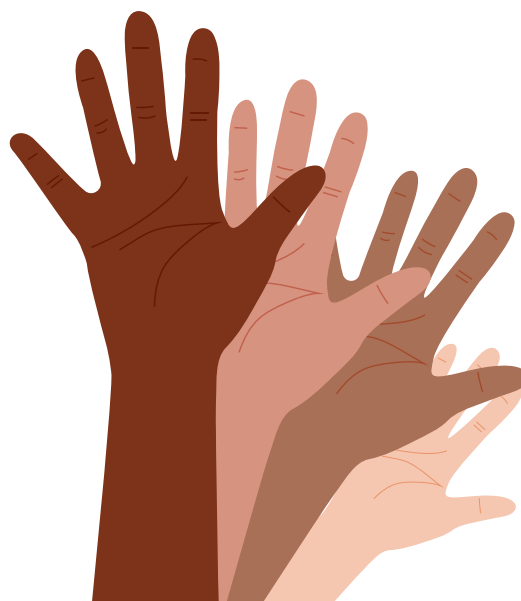
Em 2017, criamos o primeiro abrigo LGBTQ+ angolano chamado “**No Cubico**” espaço de acolhimento e centro de atividades culturais. Foi concebido como um espaço seguro, livre de preconceito e discriminação, com atividades culturais, cozinha solidária, lavanderia, centro de formação, apoio psicossocial e jurídico, cinema. É dentro desse espaço onde nós mulheres **Feministas Negras LGBTQ+ angolanas** nos reunimos para partilhar as nossas vivências, experiências e problemáticas por meio das rodas de conversas, palestras e debates.

Além do projecto No Cubico, temos o **Projecto Kutanga – Biblioteca Queer** onde produzimos, recolhemos, traduzimos e disseminamos material educativo sobre género, sexualidade, racismo, feminismo e classe para empoderar e capacitar a comunidade LGBTQ+ em geral.

Entretanto, acreditamos que todos os seres humanos têm o direito de celebrar as suas múltiplas identidades e essa multiplicidade deve refletir-se na vida política, cultural e económica de uma sociedade. Por isso, entendemos que a interseccionalidade é uma visão transformadora.

“Juntas Somos Mais Fortes”

Em solidariedade,
As manas da AIA.



LÍRIA DE CASTRO,

27 anos de idade, Ativista Social LGBTQ+ e Feminista, Lésbica Queer, Co-fundadora do Arquivo de identidade Angolano e Directora Geral, Analista de Relações Internacionais.

ROQUIANA GUNZA,

25 anos de idade, Ativista Social LGBTQ+ e Feminista, Lésbica Queer, Coordenadora de Projecto da AIA e Jurista de formação.



Testemunho de Angela Sampaio



Olá o meu nome é Ângela Sampaio e tenho 43 anos.

Comecei a minha transição em inícios de 2016 e o tratamento hormonal em Dezembro de 2016. Mas com bastantes dificuldades. Pois o nosso SNS é muito lento e tem muitas burocracias.

Ainda não fui sujeita a nenhuma cirurgia, mas estou a atravessar uma depressão pelo facto de não saber se quero ser operada pelo sns. Ou seja, em Coimbra. Tenho medo porque vejo pessoas a serem mutiladas, uma amiga ficou com a vagina com 5cm de profundidade após a cirurgia, o erro foi detectado quando lhe tiraram o rodilhão para lhe fazerem a primeira dilatação.

Outra, ao fim de uma semana de ser operada, teve uma hemorragia anal muito grande... teve de ser submetida a nova cirurgia, pois o ânus e a vagina estavam ligados. Ou seja, ao fazerem a cavidade vaginal, cortaram demais e abriram as paredes. Já tinham visto o erro dias antes, quando lhe tiraram o rodilhão da vagina e o mesmo veio com fezes.

Outra amiga foi operada e ao fim de uns dias teve de ser operada novamente sem qualquer explicação. A mesma no fim do recobro foi enviada para casa e quando vai à primeira consulta pós cirúrgica, pergunta que em frente ao espelho, não encontra o clitóris. Ao qual lhe respondem: “sim, foi retirado porque entrou em necrose”

Então ela pergunta porque não foi informada?! E recebe a resposta mais inacreditável. “Você está no sns, não espere milagres”.

Então tenho medo. Muito muito medo. Sinto-me colocada numa situação muito delicada... não me vejo sem cirurgia de redesignação sexual. Por outro lado, tenho medo de ser mutilada.

Mais depressa me mato, do que ser operada por pessoas que cometem erros atrás de erros.



Eu sou a Ângela Sampaio. Tenho 43 anos e sou uma mulher. Caminho num trilho feito de cacos de vidro partidos, mas não voltaria atrás. Aliás, quero muito agradecer ao meu antes. Foste tão corajoso. Obrigada. Esta sou eu. A caminho, é íngreme, mas vou lá chegar.

Queer As Fuck HERstory

Not gay as in happy, but queer as in Fuck You

Por Raquel Smith-Cave

Maio de 2017. Tasca dos Canários no Bairro Alto. Cinco mulheres queer conversam entre cervejas e tremoços sobre ativismo, feminismo e a falta de espaços para pessoas lésbicas, bissexuais, trans, não binárias, queer em Lisboa, assim como em todo o país. Trocamos experiências sobre o recentemente extinto Ponto G, o Maria Lisboa, Purex, Primas, Trumps, Finalmente, as festas da Marcha LGBTQ+, o Arraial Pride... e percebemos rapidamente que só nos sentíamos realmente bem-vindas, seguras e aceites em alguns desses espaços. (Vídeo sobre o desaparecimento de bares lésbicos nos EUA: <http://JePugX1YkG4>)

Porque não fazemos a nossa própria festa? Para nós, para quem se sente excluída/e e desrespeitada/e, para quem não se consegue identificar ou se vê representada/e nestes eventos supostamente inclusivos. Estamos cansadas de ter de nos moldar aos gostos da maioria GGG que é dona do grande capital e, só por isso, vista como válida. Num brainstorming de ideias, escrevi o nome Queer As Fuck no meu caderno e aquelas palavras fizeram demasiado sentido. O nome estava escolhido.

Começamos a organizar de forma totalmente voluntária aquela que seria a primeira festa **Queer As Fuck**. O local: Damas. Data: 6 de Outubro de 2017 (exatamente um dia antes da primeiríssima marcha do orgulho da Madeira! *tears of pride*). Em Setembro, organizamos dois eventos para angariação de fundos: um queer quiz e um workshop de drag king com o grande Matias Braga (que conheci em 2015 num workshop de drag king muito especial, o qual já mencionei aqui numa ZL anterior).

Enchemos as várias salas das Damas e até aquela parte da rua da Voz do Operário. Nunca tinha visto nada assim. Foi o culminar de vários meses de trabalho intenso e muita aprendizagem. Lembro-me apenas de chegar a casa às 5 da manhã e desmaiar no sofá. Não por ter bebido demasiado álcool (porque nem gosto muito) mas de pura adrenalina, nervos e cansaço que colaram o meu corpo ao sofá, sem forças para sequer abrir os olhos.





A festa, de entrada livre, contou com a estreia da banda *Vitória and The Kalashnikovs*, performances drag com *Joaquim Fónix* e *Camel Toe* e ainda dj sets de *Phizz* e *Lobotomy*. Foi uma noite única e irrepetível. Tantas pessoas amigas, tantos abraços, tantos sorrisos, tanta liberdade palpável! Orgulho infinito que até hoje ecoa.

Entretanto, o grupo de pessoas foi-se dispersando, por conflitos pessoais e não só; logo percebemos que não seria possível continuar como coletiva. Eu não consegui desistir. Através da conta de Instagram que criei já depois da festa, continuei a partilhar opiniões, ideias, músicas, artistas, filmes e séries. Algo que já fazia de forma pessoal há muito tempo.

Em 2018 continuei a organizar quizzes sobre cultura queer, ocupando vários espaços de Lisboa. Um ciclo de cinema chamado "*Where Are My Lesbians*" e, mais recentemente, com a ajuda da mana uni Ligia Santos, que conheci no Festival Feminista de Lisboa do qual sou co-fundadora (e que desenhou o novo logo lindão e perfeito <3), um clube de leituras queer, o queer books! Entre outras coisas...

O mais importante desta viagem são as pessoas que conhecemos através destes eventos e a comunidade que criámos ao longo destes 3 anos. Desde as pessoas que aparecem nas atividades, às ligações com quem gere os espaços que ocupamos.

Este excerto da descrição da primeira festa diz tudo:

Um lugar para sermos sem medida nenhuma. Todxs nós: mulheres, lésbicas, bi, pan, assexuais, trans, não binárixs, queer, drag kings, queens, soft butches, hard femmes, agender, gender fluid, riot grrrls, weirdos, geeks, punk rockers, unicórnios...

Somos estranhxs. Disruptivxs. O pesadelo molhado do mundo. Somos Queer As Fuck!

Por Raquel Smith-Cave *ativista queer feminista, investigadora cultural e uma apaixonada de todos os tipos de arte.*



CLUBE SAFO EM HISTÓRIA E EM CONTINUIDADE

Por Alexa Santos e Anabela Rocha

No dia 8 de Outubro participamos numa conversa com o EL*C - European Lesbian* Conference: Conferência Lésbica Europeia, sob o tema mapeamento e memória das nossas histórias, lutas, vitórias.

Guest speakers:
Elena Guseynskaya, Moscow Lesbian & Gay Archive, Russia
Alexa Santos, Clube Safo, Portugal
Suzana Tratnik, Skuc LL, Slovenia
Isabelle Sentis, Queercode, France
Silvia Casalone, EL*C
(Mod.) Leila Lohman, EL*C

"Connecting the Dots: Tracing our Lesbian Historical Legacies"
08.10.20 INTERNATIONAL LESBIAN DAY
12pm Paris time - Live streamed on EL*C FB Page

Lembrei-me do trabalho incrível da Eduarda Ferreira com o lesfriendly - <https://lesfriendlyblog.wordpress.com/> e da missão importantíssima que tem: **Criar e partilhar um mapa online com informação sobre espaços públicos LES friendly nas cidades de Lisboa e Porto.**

Não pude ignorar que o site precisa de ser revisito e atualizado ao mesmo tempo que pode ser ainda mais abrangente, incluir mais cidades, falar de uma diversidade maior de locais e ao mesmo tempo constituir um arquivo. Muitos dos lugares ainda nesta plataforma já não existem. Ou fecharam, ou tornaram-se lugares para todas as pessoas em alguns casos até nada friendly.

Continuar o mapeamento de lugares inclusivos e a disseminação dessa informação é importante.

LES FRIENDLY f

HOME MOTIVAÇÃO OBJETIVO LES FRIENDLY COMO FUNCIONA SUGESTÕES MAPA LES FRIENDLY ▼

Vamos construir um mapa LES friendly para que todas as mulheres num relacionamento afetivo/sexual com outra mulher possam mais facilmente encontrar espaços em Lisboa e Porto onde se sintam bem.

Participa em [Formulário de partilha de informações](#)

Vê os mapas e comenta os locais em [Mapas LES friendly](#)

Nestes pensares tropecei neste artigo da Anabela Rocha, antiga dirigente do Clube Safo que me foi enviado em 2019 quando eu própria mantinha um outro projeto, o Queering Style, num momento em que já não consegui que fosse publicado. Ao reler achei que tinha de ser partilhado e agradeço à Anabela por me permitir, pois estava na eminência o término do Clube Safo e ela escrevia-me assim:

"Um quarto que não seja só seu – a importância de reavivar o Clube Safo"



Anabela Rocha na Marcha de Orgulho de Lisboa em 2014.
Foto por Luis Costa

"A heterossexualidade não é apenas, como Monique Wittig nos ensinou, um regime de governo: é também uma política do desejo. (...) Esta forma de servidão sexual repousa sobre uma estética da sedução, uma estilização do desejo, e uma coreografia do prazer. Este regime não é natural, trata-se duma estética de dominação historicamente construída e codificada que erotiza a diferença de poder e a perpetua."

Paul Preciado, Libération, 15 de Janeiro de 2018 (em Arles, a terra onde outras políticas de desejo nos levam à loucura...)

Este é um pequeno texto sobre a importância dos espaços. É fundamental um espaço de experimentação da linguagem e imagem transfeminista como o Queering Style. Mais ainda quando é atravessado por tantos corpos racializados que vivem a dominação e a resistência como biopolítica. No entanto, não basta. O transfeminismo queer precisa de espaços de experimentação social de que a linguagem é apenas uma das vertentes, e precisa igualmente duma crítica da moda, mesmo da moda queer, como fetichismo do eu e geradora de novas hierarquias sociais. A outra vertente tem de ser a presença, espaços

para em comum darmos o corpo ao manifesto, mesmo um corpo e uma expressão de género fora de moda. Apesar de existirem em Lisboa alguns eventos que convocam a comunidade transfeminista, não existe um espaço institucional permanente, e o que as formas fluídas de organização dos últimos anos nos têm demonstrado é que desta forma não conseguimos combater o peso político crescente dos fascistas que dizem sermos defensoras duma ideologia de género quando são eles os principais responsáveis por políticas que cristalizam ainda mais o sistema sexo-género patriarcal, nomeadamente a morte da PMA para mulheres sózinhas ou em casal/constelação com a exigência de identificação dos dadores; a recusa de engravidar homens cis e mulheres trans quando a medicina nos diz que é simples e acessível; a privatização total e encarecimento dos gâmetas quando deveriam ser bancos públicos e gratuitos, resultantes do trabalho genético da espécie; o apagamento total de formas colectivas de educar e criar crianças fora dum contexto edipiano. Desta forma tentam controlar a reprodução dos dissidentes do sistema, felizmente sem sucesso onde existe solidariedade queer.

Mas pior, e de alcance mais generalizado, é a forma como precarizam as nossas vidas ao apoderarem-se da nossa riqueza produtiva, do nosso trabalho, com baixos salários, ausência de horários, ausência de contratos sequer individuais com plataformas digitais de serviços cada vez mais anónimas e arbitrárias e desemprego recorrente. Num tempo de enorme riqueza produtiva (e a acelerar-se exponencialmente com a automação e os big data) são cada vez mais as regras e instituições que ridicularizam a democracia e o estado de direito através de órgãos de decisão federal não eleitos e de tratados comerciais internacionais em que os direitos das empresas se sobrepõem aos dos cidadãos.

Todas estas condições materiais se agravam quando o neoliberalismo do conluio entre a alta finança e as elites trava o investimento em serviços públicos que nos garantem o mínimo de condições de subsistência na saúde, na habitação, no acesso à cultura, e é cego à destruição iminente do planeta congeminando formas de sermos nós a pagar na carne e na qualidade de vida a factura das parcas mitigações às alterações climáticas.

Todas estas lutas nos convocam porque são as lutas da desumanização hoje, da naturalização das diferenças de poder, dum capitalismo que é essencialmente colonial e patriarcal, muito para lá do fim dos colonialismos históricos. E convocam-nos com um papel especial pois é a nós que cabe desconstruir a erotização da diferença de poder como motor do desejo e da estruturação de todas as relações sociais. Convocam-nos a nós que recusamos a erotização da violência (não teatralizada mas imediata) como principal fantasia dos cenários sexuais, convocam-nos a nós que recusamos os guiões identitários de género dualista e as práticas destes cenários no sexo e na vida.

Obviamente, num espaço de experimentação transfeminista anti-patriarcal cabem todas as que se identificam como femininas independentemente do corpo ou do género.

É porque as formas como podemos atravessar estas lutas irmãs podem ser muito mais eficazes se o fizermos enquanto voz colectiva do que enquanto indivíduos; é porque o nosso próprio caminho se aprofunda e ganha liberdade quando não estamos sós que é fundamental resgatar um espaço transfeminista queer anti-colonial como foi o último Clube Safo. Com a vantagem de ser uma associação já constituída, de ter um grande património histórico, documental e algum financeiro.

Consta que em breve surgirá uma convocatória de Assembleia para encerrar o Clube e entregar o seu espólio à UMAR, organização que sempre

nos acolheu bem mas que não tem uma matriz maioritariamente queer. Esta convocatória fará um último apelo à constituição de listas para os órgãos estatutários.

É fundamental que a construção da nossa história e os nossos arquivos permaneçam nossos. É fundamental que com as feministas, os precários, os anti-racistas, os guerreiros do clima exista uma voz e sociabilidades abertamente transqueer. É fundamental que nos encontremos regularmente numa sala e numa rua que seja bem mais que um quarto nosso.”

Este último parágrafo lembra-me muito do desafio que aceitei há um ano atrás quando começámos, eu e outras, eu e todas este trajeto. Este percurso de reavivar. Continuo a achar que falta muito e em tempos de pandemia os passos parecem ainda mais largos e apresentam ainda outras condicionantes, para chegar onde posamos estar numa sala, numa rua em conjunto com tantas outras lutas e para se dizer também transfeminista mas baixar os braços seria morrer sem ir à guerra. Vamos errar, com lutas, com pessoas. Mas é no construir diálogo, continuar a fazer os espaços que mantemos a esperança e continuamos a caminhar para mais liberdade e direitos. Para podermos ser quem somos na totalidade e em todos os lugares.

Cultura butch/femme revisitada

Introdução de Jessica Lima

“O que gosto nela, além de sua alegria que resiste à miséria, é esse humor protetor, sua atenção em cuidar, essa maternidade delicada no gesto – prerrogativas das mulheres que amaram mulheres, com sinceridade e paixão: guardam disto uma atração indefinível, e que vocês, os homens, não percebem jamais...”

A Vagabunda, Colette

Aqui há uns meses, criámos um repto na nossa página de Instagram (@clube_safo): procurávamos mulheres* que se identificassem com as identidades de Butch e Femme para uma possível rubrica ou secção dedicada ao tema. A nossa curiosidade: se, para nós, estas identidades continuam ainda tão vivas, será que ainda fazem sentido para as nossas leitoras hoje em dia? Como pensam e sentem as nossas leitoras* estas identidades num contexto português em 2020?

Parece que paira uma certa ideia de que essas duas identidades são meio datadas. Ou, da parte de pessoas que não se identificam com nenhuma das duas, sinto por vezes que há uma certa incompreensão mútua, como se sentissem que fosse uma imposição (*ou és uma ou outra*) e por isso se revoltam contra ela, e uma sensação de invalidação na sua identidade lésbica.

Consigo entender. Obviamente, são conceitos que fazem parte da história lésbica recente, mas não esgotam o que é a identidade lésbica. Porém, compreender a cultura butch/femme não implica uma associação imediata, se não que uma compreensão de uma das táticas de sobrevivência das nossas irmãs mais velhas.

Vale dizer que só em finais do século XX começou a haver uma ligação entre identidade e ser-se homossexual. Até meados dos anos XX, e também em Portugal, a homossexualidade não fazia parte



da identidade propriamente dita de uma pessoa. Ou seja, uma pessoa não era homossexual, simplesmente 'praticava actos homossexuais', por assim dizer. Só assim conseguimos entender a não linearidade da aceitação da homossexualidade pela sociedade em geral na história. Houve alturas em que a proximidade entre mulheres era mais facilmente entendida, como nos tempos da

romantic friendship (amizade romântica) da Inglaterra Vitoriana, quando comparadas com tempos futuros, a título de exemplo.

Cinquenta anos depois, não se pode de todo dizer que essas “amizades românticas” fossem “tão bem” aceites. Mas as lésbicas daquele tempo souberam - ou foram forçá-las a fazê-lo - como chegar até si, criar comunidade, encontrar amantes e parceiras. Eram os tempos dos *lesbian bars*, uma realidade que não chegou a Portugal, mas onde em parte se foram desenvolvendo a cultura butch/femme (tanto é que não encontramos em português uma tradução directa destes termos).

Se hoje, com mais vocabulário e outro entendimento sobre identidade e expressão de género, os termos butch e femme possam parecer dados, de facto eles surgiram por uma necessidade bem real de preservação dos espaços e sobrevivência da comunidade lésbica trabalhadora.

Daí que, para mim, identificar-me como femme e ter uma intenção muito consciente em preservar a cultura butch/femme, me saiba a carregar o bastão das nossas irmãs lésbicas e lembrar o

quão corajosas, fortes, resilientes foram. Todas elas. E, de uma forma muito consciente, é também um tentar manter o passado vivo. Não por um capricho nostálgico, ou uma romantização da opressão, mas pela convicção de que essa cultura é ainda relevante hoje em dia e é capaz de nos acolher e moldar-se ao que fazemos dela também.

Os textos que se seguem (dois artigos e uma entrevista), são da autoria de 3 pessoas que responderam ao nosso repto inicial e aceitaram partilhar um bocadinho das suas vivências connosco. Espero que essa partilha seja a primeira de muitas e que ressoe com muitas de vós.

Para já, algumas sugestões de leitura para quem se interessa pela cultura butch/femme:

Boots of Leather, Slippers of Gold: The History of a Lesbian Community, by Elizabeth Lapovsky Kennedy and Madeline Davis

All Ways Butch and Femme, edited by Ivan E. Coyote and Zena Sharman

The Persistent Desire: A Femme - Butch Reader, edited by Joan Nestle

Butch e Católica?

Por Carolina Moutela

Desde criança que me sinto mais masculina que a maioria das raparigas à minha volta. Jogava futebol, usava calças de fato treino, atirava-me para o chão sem me importar de sujar a roupa. Não sonhava ser a princesa de alguém, mas sim a pessoa que cuida e protege o outro. As saias não eram para mim, assim como pintar as unhas e ir ao cabeleireiro. Tinha barbies e brincava sendo o Ken. Tinha princesas e brincava com carrinhos automáticos. Até que a roupa que comecei a comprar aos dezoito anos passou a ser da secção masculina.

Apresentar-me como masculina passa por vestir roupa que esconda o peito, ter calças com bolsos onde se possa levar tudo e não precisar de uma carteira/mala, passa por não precisar de



me maquilhar para o trabalho, cortar o cabelo a pente zero se for essa a minha vontade, e ainda que decida ser masculina por me sentir feliz assim, identifico-me como mulher.

O termo butch foi-me apresentado há muito pouco tempo, mas desde então que já não me sinto sozinha. Sinto que sou única, mas que tenho uma diversidade de pessoas que me acolhem, que me compreendem, que partilham da mesma experiência que eu. **Ser butch, hoje, para mim, significa poder ser quem sou, através da roupa que visto, do emprego que tenho e da maneira como vejo o mundo.**

No entanto, Jesus esteve sempre presente na minha vida, através da missa que ia todos os domingos com a família, e da catequese que tive ao longo de doze anos. Falar de mim é falar antes de Jesus, porque não seria eu esta pessoa se algum dia tivesse desistido d'Ele. O meu nome é Carolina, vivo desde 1997 e sou católica desde que me lembro de ser gente.

Quando comecei a sentir-me atraída por mulheres tinha doze anos e até aos quinze anos passei por dois ou três psicólogos, talvez houvesse cura, talvez pudesse ser tratada.

Descobrir-me homossexual trouxe muitas questões em relação à Igreja e a todos os seus ensinamentos. Desde muito cedo percebemos que Deus fez Homem e Mulher, e que estes são almas gémeas para procriar e haver continuação da espécie humana. O amor entre duas mulheres não está contemplado na criação original. Eu sentia que apesar de ser criada por Deus, que Ele não me queria junto d'Ele, e isso começou a corroer-me por dentro.

Durante cinco anos, no verão frequentei um campo de férias católico para mulheres, (2011-2016) entre os quinze e os vinte e cinco anos. Ao mesmo tempo que este campo me ajudou a sentir Jesus e poder estar mais próxima d'Ele, também me trouxe muitas dúvidas em relação à minha sexualidade. Metade do ano tentava ser heterossexual, e a outra metade já não aguentava e acabava por estar com raparigas de quem gostava. Isso fez-me sentir desenquadrada de tudo e de todos à minha volta, como se eu estivesse apenas a sobreviver. Não demorou muito tempo até ser impedida de voltar aos campos de férias já que quem eu era, não correspondia com o que procuravam ensinar, mostrar e reproduzir naquele espaço.

Durante um tempo decidi apostar na feminilidade através do corpo, e em poucos meses percebi que pintar as unhas, andar de saltos altos,

ter cabelo comprido e vestir roupas da secção de Mulher das lojas não me deixava confortável. Não fazia de mim a mulher feminina que eu pensei que tinha de ser para não deixar a igreja e acreditar em Jesus e também não mudava nada em relação ao que sentia por outras mulheres.

Há três anos (2017) tive a coragem de começar a cortar o cabelo da maneira que mais gostava: mais curto, rapado até algumas vezes, dito masculino, e a sensação de o ter feito pela primeira vez trouxe-me uma felicidade que até então não tinha encontrado. Ainda que tenha pensado sair da igreja, assumir a homossexualidade e viver consoante a minha verdade, três meses depois de cortar o cabelo participei num retiro espiritual, os Convívios Fraternos, que me fez mudar completamente a visão em relação a este amor de Jesus por mim.

Este retiro mostrou-me quem sou, qual o projeto de vida que Deus tem para mim, quem sou na comunidade de Jesus na Terra e de como sou amada por Ele. Jesus, em quem eu sempre acreditei, e sempre senti dentro de mim, veio neste retiro dizer-me, finalmente, que me criou assim com um propósito, que não estou sozinha e que não me exclui.

Ser católica, homossexual e mulher masculina, é o desafio da minha vida. Escrever-te passo a passo do que senti nestes anos de angústia e rejeição é o começo de uma liberdade com Amor, o amor que é de Deus e por si só já me faz tão feliz.

A verdade é que tem sido uma descoberta com o corte do cabelo, dia após dia, e sentir que não sou excluída pela igreja é a minha maior felicidade. Hoje sinto que a religião foi a melhor herança da minha família, onde amar o outro como a mim mesma já faz tanto sentido, onde servir e fazer-me presente já me preenche de uma maneira como nunca pensei ser possível.

Pensei sempre ser a única no mundo com estas questões da igreja e da homossexualidade, **o ativismo para mim hoje passa por não deixar que alguém se sinta sozinho nesta luta interior, que podemos ser butch, femme, de qualquer religião ou de nenhuma!, mas que ainda assim, não estamos sozinhas, sozinhos, sozinhas.**

Ser Butch e Femme nos dias de hoje

Por Catarina A. S. Gomes



O que significa ser femme/butch para ti, ou o conceito de femme/butch, como parte de uma identidade lésbica?

Acho que o conceito de femme/butch tem e sempre teve os mesmos significados na comunidade lésbica. Tem a ver com os seus traços, comportamentos, estilos e autopercepção, acho. Uma mulher que se identifica como femme é uma mulher que se identifica com um estilo mais feminino, tanto na maneira como se veste, até como na maneira que se mostra ao mundo; enquanto que a mulher butch se identifica com um estilo um pouco mais para o masculino, lá está, mesmo na roupa que veste, no estilo, na maneira como age. Normalmente as pessoas fora da comunidade LGBTQ+ são até capazes de dizer “olha aquela parece um homem/veste-se como um homem” enquanto que da mulher femme até podem dizer “aí nunca imaginei que fosses lésbica, és demasiado bonita pra ser lésbica”. Costuma ser o prato do dia. Porque ainda há em alguma parte da população aquele estereótipo ridículo em relação às lésbicas. Vá se lá saber porquê, porque imagina, nos anos 30/40/50 também havia lésbicas, e todas se vestiam com aquele estilo próprio da época digo eu, e esse estilo não era propriamente um traçado masculino. A não ser quando as rebeldes começaram a usar calças. Mas na verdade, pra mim, **o que raio são os conceitos de masculino e feminino e porque é que as pessoas teimam em separá-los tanto?** Sim, são diferentes. Mas interligam-se, não tem nenhuma barreira entre elas (mas acho que isso é mais um assunto para o tema de identidade de género ;)).

Como descobriste este conceito? Quando te começaste a identificar como femme/butch?

Sempre ouvi falar nele desde pequena. E principalmente porque eu via muito The L Word. Isso introduziu muitos conceitos na minha vida. No entanto, nunca comecei a identificar-me nem com um nem com outro. Porque na realidade não sou nenhum. Se me apetecer ter um estilo mais feminino tenho, se me apetecer vou para um estilo mais masculino. Se são as roupas que ditam isso, tenho de tudo. Se for a maneira como ando, como me mexo, depende da imagem que eu queira passar ao mundo. Se for a vibe que dou... bem, acho que sempre dei uma vibe mais de butch do que de femme, mesmo toda “apertada” do mais feminino que há, mas quanto a isso não se pode fazer nada! Mas se formos mais fundo, à identidade e à maneira como me percepciono... teria de dizer femme. Porque mesmo adotando a parte estética do butch por vezes, a questão da identidade continua femme.

Femme/butch é para ti somente um descritivo estético?

Não, não é só estético. Como disse há pouco tem a ver também com a maneira como a mulher se identifica e se vê a si própria. Com as características próprias de cada uma.

No teu círculo de amigas, conheces quem se identifique como femme ou butch? Costumam partilhar experiências ou comparar ‘situações’?

No meu círculo já conheci pessoas que se identificam com os dois lados e com nenhum na verdade. Por acaso não temos esse hábito de partilhar ou comparar sabes, porque é tudo tão natural. Nós sabemos, não temos o que perguntar. As vezes há ocasionalmente aquele “alguém me confundiu com um homem” ou “Uma pessoa lá do trabalho não acredita que sou lésbica e tentou convencer-me que me conseguia “mudar””. Mas isso são mais motivos para rirmos ou para termos vergonha alheia só :)

Com que identidade(s) te identificas hoje em dia?

No fundo eu sou só uma mulher igual a todas as outras. Com o meu estilo, as minhas percepções e que ama e sente de igual maneira, independentemente de que género amo.

O que significa para ti ser lésbica (ou sáfica)?

Essa pergunta vem com rasteira!?

Para mim significa tudo. Significa que eu me sinto atraída por mulheres, que amo mulheres e que sou completamente fascinada por elas. Somos umas criaturas incríveis e não podia ter mais orgulho em quem sou e na maneira como me identifico e nas coisas em que acredito. **Amo amar mulheres e amo ser quem sou.**

a iniciação às obrigações da feminidade, mas finalmente anuii, e assim, pude riscar mais um item da lista de coisas que não se podem fazer.

Desde há uns anos, talvez um pouco antes de me assumir, que perdi o hábito de me depilar. A última vez que a minha mãe me viu com as pernas peludas, sugeriu (como sempre) que o fizesse, que parece mal. Mas desta vez juntou um comentário vago sobre o que significa, afinal, ter mais coisas de um ou do outro lado da tabela: é que assim parece...pronto...já sabes, não é.

Não é a primeira nem a última vez que alguém vai supor que uma pessoa *queer* faz algo não por não saber que é indecente, mas precisamente por saber que é e porque lhe importa, por razões que vão do delicioso ao inesperadamente mundano. Para mim, há elementos da forma como me apresento no dia-a-dia como este - variáveis no nível de intenção - que fazem parte de como me movo no mundo enquanto lésbica, *queer* e *femme*.

Falar de *femme/butch* agora é falar de algo distintamente diferente, ainda que aparentado, da cultura lésbica de classe operária que tem como origem os bares americanos da década de cinquenta nos quais era possível o encontro entre lésbicas e/ou pessoas trans de ambos os lados do espectro. Esta longevidade mexe com um entusiasmo particularmente contemporâneo pela história *queer*, no qual a facilidade de produção e transmissão de conteúdos que permite a horizontalidade da Internet, por um lado, e uma crescente mercantilização dos contributos culturais *queer*, pelo outro, tornam viáveis a aprendizagem deste e outros elementos do legado das nossas comunidades. Existe, também, uma espécie de refúgio em episódios da história recente nos quais a união é mais fácil porque mais excludente, e a luta mais sexy porque os inimigos mais evidentes. E assim temos jovens *femmes* e *butches* que cresceram num mundo marcadamente distinto daquele relatado por Leslie Feinberg, e que vêm de todos os quadrantes do arco-íris e de todas as denominações de género - porque *femme/butch* tem ecos importantes noutros eixos da cultura *queer*, como a cultura *ballroom* e não só, e porque mais e mais se fazem ouvir as vozes de lésbicas não-binárias.

E ainda bem que falamos de algo diferente. Para aquelxs de nós que não são particularmente

Arquivo de intenções femme

Por Joana Matias

Quando tinha uns doze anos aconteceram duas coisas: entrei na equipa de voleibol feminino da escola e as outras meninas começaram a portar-se todas de maneira diferente. De repente, era importante não fazer umas coisas e fazer outras, a linha que dividia as duas colunas dessa tabela tão aleatória como insensível. A regra geral parecia ser que era importante ser crescida e fazer os rapazes gostar de nós. E foi assim que me dei por mim a ser a única na equipa com as pernas peludas. A bainha dos calções curtos do uniforme cobria só os topos das coxas, e uma noite, chegada a casa dos treinos, chorei enquanto olhava para os pêlos escuros que já só eu tinha, que me faziam diferente e feia, algo outro que as outras meninas, algo outro que menina. O processo de negociações foi longo até que finalmente me deixassem rapar as pernas; a minha mãe queria atrasar ao máximo

afeites a uma certa arquitectura de vida em casal, há algo de prescrito no tradicional binómio *femme/butch* que estabelece que um se faz acompanhar do outro, e que, para além disso, existe uma prestação de trabalho emocional que segue uma direcção unilateral. Estas regras, claro, são quebradas a todo o momento à medida que se inventam e reinventam formas de estar no mundo e em relação doméstica - *Stone Butch Blues*, por exemplo, inclui momentos de crítica aos papéis estabelecidos entre Jess e suas parceiras *femme*, e uma personagem *butch* que sofre com o que sente ser a impossibilidade social de amar outra *butch*. A teórica cultural Ann Cvetkovich, em *Archive of Feelings*, analisa estes dois paradigmas de identidade enquanto respostas distintas ao trauma da feminilidade, consolidando a natureza destas denominações enquanto cultura - coesa, com mecanismos próprios, mas maleável. Ou como justifica Joan Nestle, historiadora e co-fundadora dos Lesbian Herstory Archives em Nova Iorque, no seu conjunto de ensaios *A Fragile Union* ao nomear cada vector dos seus eixos de identidade (*femme*, judia, classe operária): "Dou-vos estes detalhes não como marcadores de identidade como costumávamos fazer no movimento feminista lésbico dos anos setenta e oitenta, pensando que se dispuséssemos as nossas particularidades, livrar-nos-íamos de toda a ambiguidade das nossas vidas, mas precisamente pela razão oposta. Cada um destes elementos representa imensos mundos de significados mutáveis, procuras sem fim pelo que pode guardar o meu amor e o que tem de ir."

Esta mutabilidade é especialmente produtiva no caso das identidades *femme*. Enquanto que *butch* encontra ressonâncias nos estereótipos

banais da patologia da inversão - uma lésbica é masculina, um *gay* é efeminado - ***femme* escapa a uma definição estandardizada, ainda mais em contextos nos quais as representações de género e sexualidade não-normativas são circunscritas, como é o caso português. As décadas de trabalho criativo e académico sobre identidades *femme* que busca desenhar uma linha - outra! - entre *femme* e um lugar de apresentação normativo, cis-hetero e feminino apontam para que a linha, se existe, seja difícil de encontrar no abstracto.** Mais fácil é para aqueles de nós que sentem essa linha debaixo da pele sempre que nos vestimos ou vemos ao espelho. Se nem para toda a gente "pareço lésbica", também me senti, durante o meu estágio heterossexual, algo distintamente outro - demasiado gorda, peluda, desajeitada, uma menina a brincar às roupas da mãe. Há espaço para considerar que mesmo muitas mulheres totalmente investidas na heteronormatividade se sentem impostoras, "losers da feminilidade", como diz Virginie Despentes em *Teoria King Kong*, incapazes de chegar a emular a cópia da cópia da cópia de que falava Butler. A diferença é a posicionalidade, o compromisso: ***femmes* não são impostoras nem *losers*, mas um trabalho em curso constante, redesenhando as linhas a cada momento. Um labor nos quais os utensílios podem ser os mesmos (os meus: pêlos, saias e batons) ou diferentes para cada, e o mesmo para o método, e o mesmo para o resultado.**

Joana Matias é doutoranda em História Contemporânea. Também faz zines que podes encontrar, junto com as de outras amigas, em melaobrando.com.

LOVE IS NOT TOURISM //

AMOR NÃO É TURISMO

Por Rita Machado dos Santos

Com a pandemia e as restrições de viagens implementadas para o seu controlo, vários casais binacionais de todo o mundo viram-se forçosamente separados. Casais não casados e não unidos de facto não se encontram dentro das excepções concedidas pelo Governo Português e não lhes é atribuído o estatuto de "viagem essencial".

Ora bem, quando tudo isto começou em Março muitos de nós pensávamos que seria uma situação temporária. No entanto vemos agora a nossa vida em suspenso há mais de 9 meses. A minha namorada é Libanesa, éramos para casar este ano em Portugal, mas nada disso vai ser possível. Ir para o Líbano e ser assumida lá é impensável, uma vez que muitos homossexuais no Médio Oriente são ainda vítimas de perseguição e não só. Como se essa discriminação não fosse suficiente e não nos deixasse Portugal como a única solução possível, os nossos políticos não nos deixam sequer vermos uma à outra.

A Comissão Europeia já veio por duas vezes recomendar o alívio das restrições de viagem para casais binacionais sobre o movimento #LovelsNotTourism. Ao contrário de vários Estados Membros da União Europeia, Portugal continua a ignorar os nossos apelos e a não permitir o reencontro de casais binacionais. Perante a crise pandémica que vivemos esta situação deixa-nos numa situação bastante delicada e vulnerável ao não estarmos juntos daqueles que mais amamos.

Até agora o PAN foi dos poucos partidos políticos que se aliou a nós e elaborou um Projecto de Resolução para ser discutido na Assembleia da República. No entanto, para que este Projecto tenha força precisamos de mais assinaturas na petição (ver hyperlink abaixo) recentemente lançada.

O amor não é turismo, é essencial, e o reconhecimento das nossas relações também. Só pedimos que nos vejam como os casais que somos fruto de um mundo aparentemente sem fronteiras.

https://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT103657&fbclid=IwAR17xi5jgqBBhWMLjOhn-opOhL4KGxY_EMZDRs7Zl8qFKmCxhxfTVVO4WRo



O País dos Brandos Costumes

Por Andreia Rodrigues

Portugal é rico em pequenas aldeias recônditas, esquecidas no tempo e com histórias por contar. A história aqui em questão remonta a tempos que não vivi mas que foram contados na primeira pessoa. É nas rugas marcadas na cara dos meus parentes que se vêem, nas vozes acanhadas e contidas que se ouve, onde se sente o esforço e a perseverança necessária para passar por tempos difíceis. Foram crianças com experiências bem diferentes da minha, foi uma época de muita pobreza no interior de Portugal. As brincadeiras eram poucas, a maior parte delas viviam na imaginação dos miúdos mas isso era secundário, havia que arranjar o “pão” para por na mesa que era o mais escasso nessa época.

A minha mãe está mais à vontade a contar as suas histórias de infância, para ela são a prova que subiu uma montanha que poucos conseguem. Os dias dela consistiam em ir à escola, fazer os trabalhos de casa quando havia e todo o restante tempo era dedicado à família. Os domingos eram o único dia em que se vestia o melhor vestido e os sapatos religiosamente guardados e engraxados saíam da caixa para assistir à missa. Estudou até à quarta classe como todas as meninas da aldeia e a partir desse momento, começa todo o processo de educar a mulher para a lida da casa. As dificuldades eram tantas que nada a impedia de fazer trabalhos mais pesados no campo de sol a sol, a tratar da criação e aos 16 anos quando havia oportunidade, ajudar os madeiros a transportar largos e pesados troncos de pinheiros para enviar para serralharia.

Quando se menciona o nome Salazar o ar pesa, parece que há um desconforto e um tumulto interno. Foi ele que afinal trouxe a escola para uma aldeia que partilhava uma só rua, ele era tão católico quanto a família dela... afinal de contas, era o pai da pátria, via-o na fotografia da escola todos os dias ao contrário do seu próprio pai que trabalhava em Lisboa à busca de melhores oportuni-

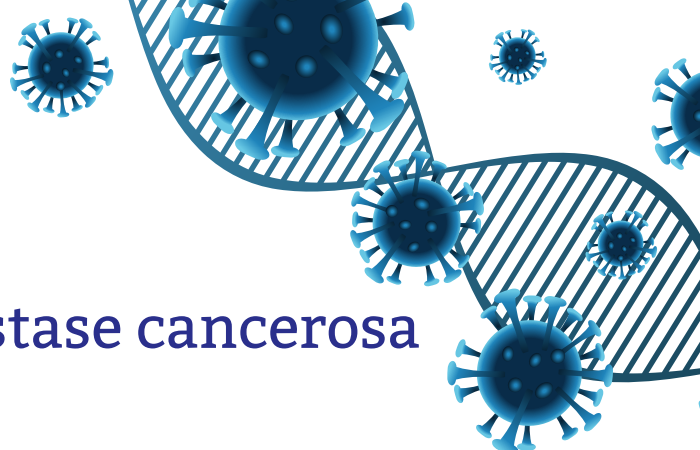
dades. No meio de todas as histórias, lá sai de vez em quando: *“Eu gostava da escola... gostava de ter aprendido mais.”* Diz isto com alguma revolta, como se fosse algo que era impossível mas que no fundo era das coisas que ela mais queria. Houve muitas coisas essenciais que faltaram nessa época, aquela que senti mais na minha família era sem dúvida a fome e falta de recursos. Foi o *“Nunca faltou comer na mesa, nem que fosse pão e água”* dizia ela... foi apesar de todos trabalharem desde novos haver sempre imensas dificuldades a ultrapassar, foi o facto de viverem numa casa durante anos com pouco mais de 30m² onde viviam 4 crianças e 3 adultos, sem qualquer tipo de saneamento básico, onde ela nasceu juntamente com os seus irmãos e no entanto como costuma dizer *“mesmo assim, mesmo assim... fomos todos criados!”*

Quando se assiste a movimentos de direita que defendem estes tempos de lei e ordem, de que estes foram os anos dourados de Portugal e que pintam as pessoas do campo como modestas, trabalhadoras e felizes, pergunto-me se saberão a missa por metade. É um pouco na linha de pensamento do *“fomos todos criados”*, quase como se tivéssemos a falar de animais. Eu compreendo os meus pais nos seus 70 anos serem conservadores, de terem certas ideias de mentes mais fechadas (tantas vezes fonte dos nossos conflitos), mas até eles têm a noção que estas ideias conservadoras de direita mais extremas não são de todo a resposta aos problemas que nos surgem. Eles sabem que foi deste populismo que surgiram as maiores dificuldades que passaram: entregarem a sua infância a trabalhos pesados, de problemas de saúde que nunca ficaram devidamente resolvidos por falta de qualquer infraestrutura de saúde eficiente, de condições de vida adversas com poucas oportunidades, por perderem pessoas próximas a uma guerra que nunca compreenderam e as mazelas que deixou aos que sobreviveram.

Estas estórias são importantes. A minha infância foi repleta delas por alguma razão... porque me queriam dar um futuro onde eu tivesse mais oportunidades, onde não tivesse de sobreviver. Porque tive mesmo muito mais do que eles alguma vez tiveram ou poderiam imaginar, graças à sua luta mas também graças à luta e transformação que Portugal passou desde a queda do estado novo, dos direitos que foram conquistados para as mulheres ao longo dos anos, dos direitos conquistados até à data a toda a comunidade LGBTI+ e da contínua luta contra a discriminação racial. De todo o esforço para ter direitos humanos básicos para uma vida digna. Foi conhecendo esta realidade que eu aprendi a dar valor à minha liberdade pessoal, à minha voz e à minha existência em pleno.

Estas estórias são importantes. Porque são estórias que nos ensinam a reconhecer de onde viemos para saber para onde vamos.

Formada em arquitetura, compositora e escritora de canções que de vez em quando se dedica a fotografia. Atualmente em modo sabático a aprofundar o que quer da vida.



Extrema-direita:

O ressurgimento da metástase cancerosa

Por Sandra Cunha

Portugal tem estado, nos últimos anos, em contracorrente no que respeita à expressão institucional da extrema-direita e até mesmo em relação à organização e expressão pública da ideologia da extrema-direita. Esse estado de coisas acabou. Em 2019, a extrema-direita entrou no Parlamento Português através do deputado único do Chega e vários grupos, mais ou menos organizados, surgem em setores diversos da sociedade e invadem as redes sociais.

A estratégia é a mesma utilizada pela extrema-direita noutros países, no Brasil, nos EUA e até em vários países Europeus.

A entrada de um deputado de extrema-direita no parlamento português facilitou e promoveu um processo de aceitação e legitimação de discursos cada vez mais conservadores e autoritário e comportamentos, homofóbicos, xenófobos e racistas na sociedade. O ataque frontal a direitos individuais, direitos das mulheres, das comunidades LGBTI e sobretudo de minorias étnicas entrou na ordem do dia. Trata-se de um processo de tentativa de transformação ideológica da sociedade.

O perigo associado é que esta tentativa de transformação ideológica não se circunscreve à extrema-direita, mas parece estar a colonizar a direita portuguesa. Vários exemplos recentes apontam nesse caminho: o CDS-PP densifica cada vez mais o discurso conservador e figuras políticas relevantes como Passos Coelho e Cavaco Silva a juntam-se numa missiva pública que reivindica o direito à objeção de consciência relativamente ao ensino da disciplina de Educação para a Cidadania.

O discurso xenófobo e racista por parte de figuras públicas e sobretudo de representantes do poder político contribuiu para a legitimação de um discurso que desde o 25 de abril vinha a ser

feito com vergonha, em surdina. E essa legitimação do discurso promove a mudança da ação porque cria um fosso entre eles e nós. Ao passar-se a mensagem de que os imigrantes são preguiçosos ou perigosos cria-se uma separação entre um grupo, o 'outro' que é o inimigo e o 'nós', os defensores da nação.

Estas mudanças de ação na sociedade portuguesa aconteceram de forma violenta e concertada. Num curto espaço de tempo, paredes e muros de escolas foram pinchados com inscrições racistas, assistimos a paradas do tipo Klu Klux Klan em frente a associações de defesa dos direitos das pessoas de minorias étnicas e pessoas racializadas numa clara demonstração de intimidação e vários ativistas antirracistas assim como figuras públicas, entre elas, deputadas de esquerda no parlamento português receberam ameaças de morte.

Os direitos das pessoas LGBTI, especialmente o direito ao casamento e à adoção, mas também os direitos das pessoas trans já começaram a ser alvo de ataques em vários países. Também os direitos das mulheres estão sob a mira conservadora e as mudanças operam-se nas ruas e nos parlamentos. No Brasil, Rússia ou Turquia a desvalorização da violência contra as mulheres ganhou novo alento, mas alguns países com maiorias de direita e extrema direita vão mais longe revertendo direitos conquistados, em especial o direito ao aborto. O último exemplo chegou da Polónia, um dos países com uma das leis mais restritivas da Europa no que respeita ao acesso à interrupção voluntária da gravidez, mas que não impediu, que o Tribunal Constitucional da Polónia, com o apoio do governo ultraconservador e nacionalista, assim como do episcopado polaco, invalidasse a lei que permitia o acesso à interrupção voluntária da gravidez nos casos de "defeito grave e irreversível do feto ou doença incurável que ameace a vida do feto".

Infelizmente não se trata do único exemplo e Portugal não está livre do mesmo cenário.

Os movimentos ultraconservadores e grupos da extrema-direita organizam-se em torno de ataques diretos às liberdades individuais e aos direitos humanos e criam as condições para uma corrente antifeminista que atua em detrimento de direitos já conquistados. **Como consequência, o patamar de discussão baixa. Se a sociedade se vê empurrada para uma discussão que põe em causa os direitos humanos e a igualdade de género é muito mais difícil fazer os progressos que faltam. Passamos discutir o básico, o que já era adquirido. Não podemos aceitar isso.**

A extrema-direita em Portugal não atua de forma isolada, mas sim por via de uma ação concertada com a extrema-direita a nível mundial. Os métodos são os mesmos, o discurso populista mascarado de anticorrupção também, o recurso às *fake news*, à perseguição e intimidação são comuns.

A ação para combater a extrema-direita tem igualmente de ser concertada, articulada e ampla.

A nível nacional e parlamentar é vital que todos os grupos parlamentares reconheçam que a extrema-direita já não se resume a pequenos grupos dispersos e desorganizados, mas que está cada vez em maior articulação com grupos extremistas internacionais e que entrou, aliás, no Parlamento Português. Ignorar o que está à vista e nada fazendo é compactuar com o crescendo de violência e discriminação, intimidação

e pressão, instrumentos por excelência da extrema-direita.

Esse reconhecimento permitiria igualmente ao Governo e à Assembleia da República a identificação de grupos-alvo da extrema direita e a formulação de políticas e medidas específicas de combate e de proteção destes grupos e minorias.

A sensibilização da sociedade e a formação de atores sociais específicos sobre questões relativas ao ódio racial, às motivações da discriminação em função da orientação sexual ou identidade de género têm de sair das páginas das estratégias nacionais e programas de ação para a realidade prática e concreta. O caso da justiça é evidente. Ainda que os crimes de ódio estejam previstos no nosso código penal raramente são julgados enquanto tal.

Por exemplo, quando o Ministério Público considera que dizer-se, nas redes sociais, que todos os ciganos deviam ser abatidos, não é crime ou quando os Tribunais desconsideram as motivações racistas do assassinato do ator Bruno Candé, as motivações misóginas do homicídio de Beatriz Lebre ou desvalorizam os crimes sexuais contra as mulheres e a violência doméstica, sabemos que ainda temos uma justiça que se pauta por uma moldura conservadora.

Como no combate a qualquer cancro, se queremos enfrentar o ascenso da extrema-direita temos de atuar de forma robusta, concertada e em todas as frentes.





Categorizando fascistas

Por Bárbara Góis

Nas vésperas do dia em que conheceremos o novo rosto da presidência da maior potência capitalista do momento, EUA, nos deparamos com alguns questionamentos políticos como se seria possível categorizar Trump como fascista e, caso sim, que caminho e precauções tomar.

Os cadáveres decrepitos dos vários tipos de fascismo já existentes nunca chegaram a aquecer a terra onde foram enterrados porque, em certa medida, não existe a possibilidade de extinguir a ameaça do fascismo em capitalismo uma vez que regimes autocráticos, militares e conservadores sempre foram uma ótima bengala das camadas dominantes quando o objetivo é manter uma certa ordem, garantir margem de lucro e, por consequência, a sua dominância enquanto classe. Os vários tipos de fascismo seguiram e continuam a seguir de mãos dadas ora com os industriais alemães para ascenso de Hitler e com aproveitamento de empresas como a Siemens e Bayer que construíram verdadeiras fortunas com a venda de material para manutenção dos campos genocidas do III Reich, ora com industriais Italianos ou Brasileiros. Os fascismos são fruto direto de crises capitalistas como a que já vivíamos desde 2007 e da qual nunca chegamos nem chegaremos a recuperar por ser outra característica do sistema capitalista: necessidade de crises que provoquem a possibilidade de criação e superação de setores burgueses uns sobre os outros.

Mas, seria, Trump um fascista?

“Um fascista viável apoiado por fascistas inviáveis.”¹

Não digo só que Trump é fascista, como é o maior e mais influente fascista do momento atual, tendo inspirado e feito crescer outros gru-

pos fascistas como no Brasil com eleição de Bolsonaro e até mesmo como o Chega e consequente reorganização dos sectores conservadores da direita portugueses.

Estamos nas vésperas do anúncio de quem ficará com a presidência dos EUA para os próximos 4 anos e não param as notícias onde Trump faz comunicados como

“Joe Biden [...] está tentando apagar nossas fronteiras, eliminar nossa polícia, doutrinar nossas crianças, vilanizar nossos heróis”, acusou Trump² ou a afirmar que não sairá da presidência se mantiver o Senado.

Sabemos que ele tem não só controlo sobre os militares norte-americanos, como tem também a confiança e fidelidade de sectores paramilitares personalizados, entre outras pessoas, no Kyle Rittenhouse adolescente branco de 17 anos que abre fogo contra manifestantes do movimento Black Lives Matter com o pretexto de estar a defender a pátria.

Estes são alguns dos indícios do que Trump representa mas, se for necessário, também podemos fazer estilo lista de compra para os mais céticos; Trump é nacionalista, militarista, expansionista, anti-comunista, totalitário e joga por uma sociedade e mundo cada vez mais hierarquizado e curvado à vontade dos sectores mais fortes da burguesia norte-americana. Tem também uma forte componente racista, misógina, LGBTIA+fóbica e de promoção de políticas que atentam diretamente contra a possibilidade de reverter os danos causados pela tradição de superprodução e superexploração de recursos naturais.

Bárbara Góis, trabalhadora de call center, mãe e militante de Semear o Futuro

¹ <https://www.esquerda.net/artigo/podemos-apelidar-trump-de-fascista/4574>

² <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/08/17/vitoria-de-biden-dara-inicio-a-fascismo-de-esquerda-nos-eua-diz-trump.htm>

"Happiest Season" e "Ammonite" são as dicas de filmes lésbicos para esta estação.

Por Simone Dee Cavalcante

"Ammonite" (UK, 2020) dirigido pelo inglês Francis Lee é um filme que tem uma profunda importância na preservação da história das mulheres no mundo da ciências e descobertas arqueológicas. Mary Anning, personagem principal, interpretada por Kate Winslet, por muito tempo esquecida e apagada da história da paleontologia é agora celebrada depois de mais de 150 anos depois de sua morte. O filme relata a vida de Mary Anning e principalmente, o momento em que Mary conhece a futura geóloga Charlotte Murchinson, interpretada por Saoirse Ronan. Sem dar 'spoilers', preparem-se para cenas quentes. ☺

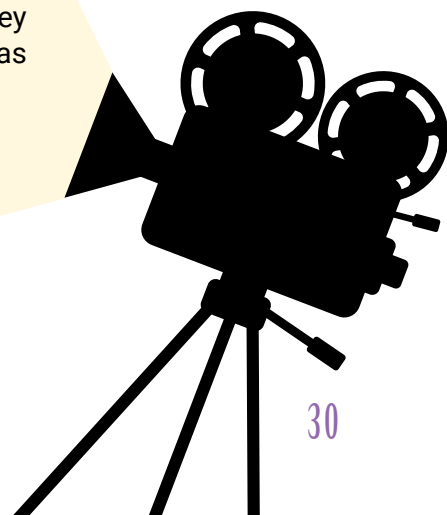
Para assistir? Comprar ou alugar no Youtube, Amazon Prime, Vudu ou Google Play



O tão esperado "Happiest Season" (USA, 2020) traz de volta ao nosso convívio ☺ a conhecida atriz americana e, abertamente lésbica, Kristen Stewart no papel da apaixonada, Abby. Seu par romântico nessa comédia é a atriz canadense Mackenzie Davis que interpreta Harper. O filme, dirigido por Clea DuVall, atriz americana e também abertamente lésbica como Kristen, explora situações de convívio familiar durante as festas

natalinas. Não podemos deixar de destacar a participação da atriz Audrey Plaza no papel de Riley, ex- de Harper, e que acaba por ter, de acordo com as críticas, uma grande química com Abby, personagem de Kristen.

Já assistiu? Se não, o filme está disponível pelo Hulu.



Poesia para a Zona Livre



Mandou embora os fantasmas do passado
E deixou de dar confiança ao medo aterrador.
Permitiu-se viver em amor
E lutar por tudo o que tinha acreditado.

Guardou no trolley, bastante pesado,
As recordações que lhe traziam dor.
Tomou as rédeas da sua vida e, sem favor,
Correu atrás do tempo mal aproveitado.

Finalmente conheceu a liberdade
E foi senhora do seu nariz.
Escutou-se e decidiu viver com verdade

Pois sabia bem ser merecedora desde petiz
De conhecer quem lhe matasse a saudade
Do tempo em que foi feliz

11/10/2020

Fátima Gomes

A tua pele junto com a minha
Tão suave, tão quente, tão luminosa,
Tão doce, tão brilhante, tão carinhosa,
Sem querer, torna-me rainha

De toda a terra em que caminhas
Para mim com a tua luz ferverosa.
Preciso de ti cada vez mais perto, poderosa
E conhecedora do amor com que me
acarinhas...

Qualquer lugar seria especial
Para que ocorresse a minha entrega,
Tornas todo o sítio comum e igual,

Por Onde passas e onde chegas
Numa terra encantada e divinal
À qual me rendi pelo quanto me sossega.

11/10/2020

Fátima Gomes



A sua entrega não tem explicação
E não há dinheiro que pague o seu preço.
Reage espontaneamente perante o seu brilho,
como reflexo.
Não é indiferente à sua preocupação,

Aliás responde prontamente com exactidão,
Quando lhe apresentam outra perspectiva do
universo.

Mesmo com razões que lhe desconheço,
Segue sempre e, sem hesitar, o seu coração

Ao qual não consegue fugir.
Se lhe pedissemos para falar sobre o seu amor,
Diria, com toda a certeza a sorrir,
Que tal como não pode explicar o odor
De um jardim primaveril a florir,
Também não pode qualificar o seu sabor
Pois o seu tamanho é impossível de medir.

28/09/2020

Fátima Gomes

Ao longe, avistava um pontinho
Que iluminava o seu dia-a-dia.
Agarrava-se a ele, desesperadamente, enquanto
podia.
Sabia que não o via sozinho,

Transportando consigo pelo caminho,
Muita gente sem cobardia.
Quando chegaria a sua vez de descansar, não
o sabia.
Não parava, cuidando de todos com carinho,

Quanto entendia ter à sua responsabilidade.
Era um ser maior e, para os outros, exemplar.
Não viveriam sem a absoluta tranquilidade

Que tentava, a todo o custo, passar.
Via o futuro incerto com esperança e igualdade,
Rezando baixinho, todas as noites, para se
aguentar.

27/09/2020

Fátima Gomes



My Lucifer

Passos de bailarina num impasse vincado,
rasgam com vestes majestosas o ventre da terra.

Irrompe do mar, qual nereide, fenixizada,
em movimentos firmes, numa só braçada.
Eis que cruzadas as linhas do tempo, sem
bússola nem desnorte, repousa o seu navio
num porto inexplorado.

Fragmentam-se em estilhaços todas as
certezas.

Reúnem-se em fracassos todas as seitas e
ideologias,

Enquanto as estrelas do mar revitalizam e
tentaculizam

todas as agruras. Transmutando-as em
visão, em ternuras.

Criada está a batida de um no vo ritmo,
que crepita e pulsa para encontrar a sua
frequência:

O movimento e não a doutrina.

Raios melodizam as mentes.

Trovões cegam os crentes.

Progressos involutivos findaram.

Porque é chegada a hora da ribombada.

A derradeira escorregadela, sem querela:

My lucifer

Da mesma forma que chegou,

a bailarina se quedou

e o mundo não mais o mesmo ficou:

Todos os males espantou e cordas de
violoncelo consertou.

Patrícia Costa

A Reborn

Nesta jornada descorada

Somos todos lobos de uma mesma alcateia,

Mas a corrida de uns não é o caminhar de
outros.

Uns encontram-se. Outros perdem-se.

Uns montam-se. Outros demonstam-se.

Uns mostram-se. Outros escondem-se.

Uns destroem. Outros criam,

numa multiplicidade de percursos tão complexa
e enovelada como um emaranhado de
fios de cabelo

E tão simples e autêntica

como o entrelaçar de mãos de amantes.

Enlameados, jazem os lobos no pântano.

Agónicos e com vislumbres da vida não vivida.

Perfumados, renascem os lobos do bosque.

Farejam em frequências diferentes

mas em uníssono.

Penetrantes, no olhar, vivem da realidade

e aromatizam de eclético as ervas daninhas,
que aparam com as unhas da sustentabilidade.

Sentados ao luar e de perfil

Constituem a silhueta da humanidade:

Nua. Crua. Quente.

Em pulsar da recriação pelo viver e no amor.

Patrícia Costa

(Des)Fado

Hoje não sei mais o que amo.

Ensurdece o gemido que no meu peito ribomba.

Hoje não sei mais por onde navego

E como num promontório, derramo-me num
pranto.

Hoje não sei mais o que em mim se partiu

E como uma artesã, esgrimo e construo
artefactos.

Hoje não sei mais no que me perdi

E como a uma revista, folheio-me sem tempo
nem lugar

De sentidos baralhados, desconheço-me no
andar,

Como alguém que usa sapatos de medida
incerta.

De peito aberto ao vento, com uma rosa
cravada,

Deambulo pela madrugada, como um espelho
quebrado.

Embebedo-me com o cheiro a maresia

E ressaco o cheiro do perfume da esperança,
Sem eira nem beira.

Num ponto de viragem, despojo-me de mim.

Sem saudades, vibro como as cordas de um
violoncelo

Encostado a uma parede grafitada pelas mãos
de artista,

Que transforma os escombros em belo

E declama a mais vasta paleta de emoções.

Lapido-me hoje, uma vez mais:

Sem esperar nada mas querendo tudo.

Patrícia Costa

Eu, rapariga e mulher, sou também outro

Por Paula Cardoso

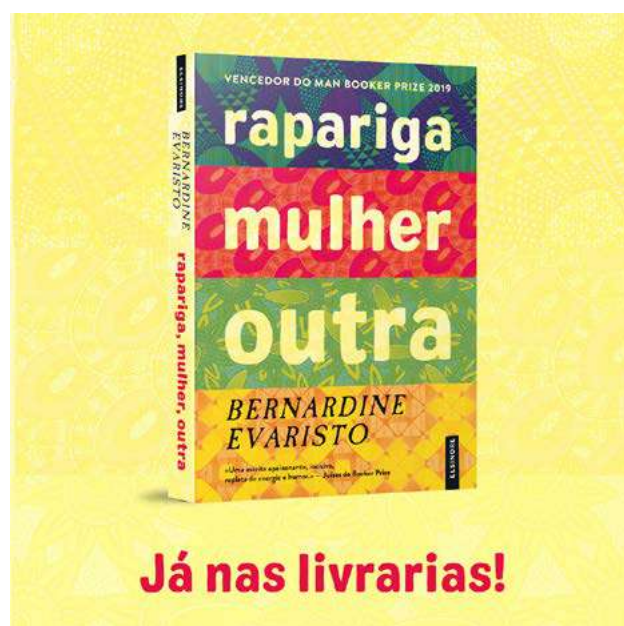
Agarro na neutralidade que o inglês oferece, e em vez de “rapariga, mulher, outra”, leio na tradução portuguesa do mais recente romance de Bernardine Evaristo, “girl, woman, other”, o título “rapariga mulher outro”. Sem uniformidades de qualquer espécie, e de tirar o fôlego.

Uma sensação de caos instala-se entre linhas e parágrafos. Às primeiras páginas de “girl, woman, other”, da escritora anglo-nigeriana Bernardine Evaristo, a construção frásica entorpece-me a leitura, acostumada a uma ordem calibrada por pontos finais.

Começo por sentir a sua falta, mas depressa me apercebo que, afinal, não fazem falta. Então, dou por mim a reflectir sobre o mundo de regras que desde a infância moldam as nossas escolhas. Penso que aquilo que assumimos como norma não passa, no fundo, de uma forma. De ser, estar e de fazer.

Encontro nas frases ‘desarrumadas’ de Bernardine um paralelo com a vida de todos os dias. E questiono-me: Quanto da nossa história se escreve em liberdade? Que capítulos permanecem em branco ou rasurados por entendermos que não se adequam ao ‘sistema de pontuação’? De interrogação em reflexão, dou-me conta que antes de me tornar íntima de cada uma das personagens de “girl, woman, other”, torno-me próxima da escrita – ou será melhor dizer alma? – despontuada da autora.

Talvez por isso, não consiga ler no título da obra em português um tão normativo “rapariga, mulher, outra”. Leio “rapariga mulher outro”. Sem obedecer a regras de pontuação, porque a sua



escrita lê-se sem tomar respiração. Também sem concordância de género, à medida de uma identidade livre de amarras.

Só de me deter no estilo literário de Bernardine, leio tanto para além do que está escrito, que, antes de seguir para o ‘prato principal’ das 480 páginas de “girl, woman, other”, sinto que tive acesso a um banquete exclusivo.

Cabemos todos em “girl, woman, other”

Mas o festim que a obra-estrela de Bernardine Evaristo ainda reserva um delicioso menu de intersecções humanas, sobretudo femininas e negras.

O livro, editado em Portugal pela Elsinore, do grupo editorial 20|20, guia-nos numa viagem por ancestralidades e diásporas africanas, destinos de exclusão e segregação racial, e um sem número de sinuosidades identitárias.

O roteiro, percorrido ao ritmo de 12 mulheres – uma das quais deixa de se chamar Megan para assumir uma identidade não-binária na pele de Morgan –, atravessa conceitos de raça, classe social, género e sexualidade. Como um mapa-mundo de humanidade, bem demarcado na dedicatória: “Para manas & as babes & as babys & as sistahs & as mulheres & as divas & as deusas & as damas & os malandros & os manos & os damos & os cavalheiros & os homens & os brothas & a irmandade LGBTQI+ da família humana”. Cabemos todos em “girl, woman, other”.

Podemos até descobrir leituras sobre nós que desconhecíamos. Eu, por exemplo, encontrei em mim a síndrome “quero um Obama”, num inebriante entrelaçamento das experiências presentes na obra com as minhas próprias vivências, as das minhas irmãs, amigas e ancestrais africanas e afrodescendentes.

Os exemplos de identificação com a narrativa de Bernardine – como se cada personagem pertencesse ao meu círculo social e familiar –, sucedem-se ao longo do livro.

Da necessidade de “aprender tudo quanto pudesse sobre a herança negra, a sua história, a cultura, a política, o feminismo”, vivida por Dominique; à interiorização do ideal de beleza branco reportado pela mãe de Amma – “Ela disse-me

que sempre se tinha achado feia e que isso só parou quando os africanos lhe disseram que não, que era bonita” –; passando pelo confronto diário com micro-agressões racistas, bem expresso na rotina de Carole. “(...) só há um problema, é ela não conseguir parar de recordar cada pequena humilhação, os colegas que a elogiam por se expressar tão bem, incapazes de disfarçar a surpresa...”.

Por cada história que me é dada a conhecer na obra –, às partilhas de Amma, Dominique e Carole juntam-se as de Yazz, Bummi, LaTisha, Shirley, Winsome, Penelope, Megan-Morgan, Hattie e Grace –, encontro mais e mais reflexos da minha identidade negra.

O difícil acesso ao centro para quem sai das margens – “para chegar àquela universidade com tão longa história, teve de apanhar um autocarro, depois o metro, depois um comboio...”; o sentimento de solidão – “na primeira semana contou pelos dedos de uma mão as pessoas de pele escura, sendo ela a mais escura de todas” –; as opressões da “aceitação” – “alisou o cabelo riçado, e quanto Marcus comentou que o preferia ao natural, ela respondeu que, usando-o dessa maneira, jamais arranaria emprego”. Perco-me numa polifonia de vivências, enquanto me encontro.

Sobre Bernardine Evaristo

Livro e autora do ano

Apresentada como um romance polifónico, a obra já venceu inúmeros prémios literários, com destaque para troféus no Man Booker Prize de 2019 e nos British Book Awards 2020 – de onde saiu com os títulos de livro de ficção e autor do ano. Ao mesmo tempo, em publicações na imprensa, multiplicam-se as referências como “melhor livro de 2019” e, finalmente, em recomendações pessoais, destacam-se, entre outros, o reconhecimento do ex-Presidente dos EUA, Barack Obama.

A par desse sonoro coro de louvores, Bernardine Evaristo consagrou-se como a primeira mulher negra a conquistar o Prémio Booker (que arrebatou ex-aequo com a canadiana Margaret Atwood).

A distinção pioneira repetiu-se nos British Book Awards, em que, juntamente com a estreante de origem jamaicana Candice Carty-Williams – autora de “Queenie” (vencedor do ‘Livro do Ano’) –, inaugurou a galeria dos autores negros galardoados na prestigiada tribuna literária.

Fundadora do site Afrolink <https://afrolink.pt/>, e autora da marca de livros infanto-juvenis Força Africana <https://fafricana.pt/>, Paula Cardoso especializa-se na promoção de uma maior representatividade negra na sociedade portuguesa, depois de 17 anos no Jornalismo.

Apesar do confinamento social, continuamos presentes como podemos!

Outubro

Em outubro, celebrámos o Dia Internacional das Lésbicas ao participar no evento online “Ligar Pontos e desenhar a história do nosso legado Lésbico” dinamizado pela ELC Eurocentralasian Lesbian Community.

Também nos juntámos à Liga Portuguesa Contra o Cancro em duas angariações de fundos, em Lisboa e no Porto, a propósito do Dia Mundial do Cancro. Estivemos também à conversa com a Liga, para falar de prevenção, suporte e apoios, e partilhar experiências pessoais.

O livro do mês foi Alice num Mundo Real de Susanna Martín e Isabel Franc, ainda a propósito da temática da prevenção do cancro da mama.



Novembro

Em novembro participámos na Marcha pelo fim da Violência Contra as Mulheres em Lisboa.

Reunimo-nos nos habituais Sarau das Safo e ainda dinamizámos o mais recente Clube do Livro, para falar de “Sexo Inútil” escrito pela Ana Zanatti, em colaboração com o coletivo LGBTI Viseu.

Fica atenta à nossa agenda, no Facebook e Instagram, e junta-te a nós virtualmente!

Nos próximos meses, queremos dar atenção às datas que se seguem:

4 DE FEVEREIRO



Dia Mundial da Luta Contra o Câncer

6 DE FEVEREIRO



6 DE FEVEREIRO

Dia Internacional da Tolerância Zero à MUTILAÇÃO GÊNITAL FEMININA

Dia Internacional de Tolerância Zero à Mutilação Genital

11 DE FEVEREIRO

Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência

14 DE FEVEREIRO

Dia das namoradas ;)

20 DE FEVEREIRO

Dia Mundial da Justiça Social

16 A 22 DE FEVEREIRO

22 DE FEVEREIRO



15º aniversário da morte de Gisberta Salce Júnior.



Semana da Visibilidade Arromântica

Fiquem atentas às nossas páginas de Facebook e Website, onde em breve divulgaremos as atividades.



CLUBE SAFO

Durante vários meses temos juntado mulheres que têm relações com mulheres em várias atividades, temos contribuído para que se volte a falar das questões das lésbicas em Portugal e continuaremos esse trabalho diariamente. Para o fazer precisamos de vós!

Ser sócia

Ser sócia do Clube Safo é querer contribuir ativamente para a defesa dos direitos de mulheres que têm relações com mulheres. Ser sócia do Clube Safo é fazer parte da mudança nas leis e na sociedade. Se queres lutar pela igualdade plena entre todas as pessoas independentemente da orientação sexual, faz-te sócia do Clube Safo.

Ao fazeres parte de uma associação de defesa de direitos, assumes uma postura de participação activa na sociedade no exercício pleno da tua cidadania e contribuis para uma sociedade melhor para ti, para nós e para todas.

Ser sócia do Clube Safo também é estar informada, participar nos encontros sem pagar taxa de inscrição e ter desconto nas outras actividades do Clube.



Assinatura Semestral
12,00 € / R\$60,00

Assinatura Anual
24,00 € / R\$120,00

São mais de 20 anos de luta pelas mulheres lésbicas, seja na inclusão social ou na educação. Queremos e podemos fazer mais e para isso precisamos de sócias e voluntárias. Manda e-mail para geral@clubesafo.pt e faz parte!